

1.

Introdução

No Brasil, assistimos à permanência das primeiras-damas frente à gestão da assistência social. No imaginário popular, a figura feminina sempre foi a mais indicada para o trato com os mais necessitados e com ações assistencialistas, conforme se configura a cultura política presente na sociedade brasileira desde tempos remotos.

A construção dessa identidade social vinculada à caridade e à ajuda aos pobres permeia todo o contexto histórico e político na conquista da adesão das classes subalternas, e legitima relações sociais e de poder e influencia a visão dos usuários da assistência.

O primeiro damismo constitui-se em um fenômeno histórico, de longa duração, associado à figura feminina cuja identidade construída forjou um papel com atributos de bondade, sensibilidade, amor e doação. Esse conjunto de características é essencial para uma relação com a população em geral e com os mais pobres em particular. Porém ele não é único, pois, enquanto processo político, transforma-se diante de diferentes conjunturas.

Como é do conhecimento geral, a primeira-dama é o nome que recebe a esposa do governante; seja ela do presidente (primeira-dama de uma Nação), governador (primeira-dama de um Estado) ou prefeito (primeira-dama de um Município). Esta denominação é originária dos Estados Unidos e já era utilizada em meados do século XIX.

Não podemos deixar de destacar o papel eminentemente feminino, para estar à frente da efetivação das ações de assistência social, reforçando a ideia de que a mulher e a assistência social se completam por estarem ligadas ao pensamento humanitário e à sensibilidade para as ações caritativas.

Segundo Torres,

(...) as mulheres primeiras-damas vão se colocando na esfera pública como sujeitos políticos de decisão e de gestão, revelando grande potencial de liderança e poder de persuasão junto aos sujeitos sociais com quem travam relações. (2002, p.22).

Como ocorrem as atividades das primeiras-damas na sociedade contemporânea? Qual é o campo de trabalho que elas escolhem ou para os quais são escolhidas?

Diante da construção histórica do papel da mulher, o primeiro damismo, segundo Correia (2007, p. 02), “*é um fenômeno típico de uma cultura política de valores conservadores.*” Mas ele pode “*ser reinventado pelas mulheres que compreendem seu importante papel no contexto social democrático.*” (id, ibid).

A cultura do primeiro damismo, construída para atingir interesses políticos, mantém-se forte em nossa sociedade. Os atributos considerados femininos colaboram para que as primeiras-damas consolidem uma sustentação política a seus maridos através da relação de dar e receber, que se torna uma relação de dominação, na qual de um lado, a figura feminina oferece e, do outro, a população recebe sem uma dimensão de seus direitos.

(...) as mulheres primeiras damas estão construindo poderes próprios junto às classes subalternas. (...) Os dados revelam que, em alguns casos, as mulheres primeiras-damas possuem mais popularidade do que os maridos governantes, fato que contribui significativamente para o reconhecimento do governo junto às classes subalternas. (Sposati apud Iraíldes, 2002, p.12)¹

Segundo o artigo de Marcos Biasoli “*O primeiro damismo deixou de representar a figura da mulher de um presidente ou um líder incomum, pois passou a constituir um cargo dentro do organograma da vida pública-política.*” Esta assertiva, de certa forma, contraria a posição histórica atribuída às mulheres nos cargos de primeira-dama, que tentam manter as diferentes imagens sociais relacionadas ao seu papel na sociedade². Mas por outro lado, ela reafirma a

¹ Em janeiro/2009, o atual Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, promoveu o Encontro Nacional com Novos Prefeitos e Prefeitas de todo o Brasil, com o objetivo de divulgar os convênios do Governo Federal. Em seu discurso, ele afirmou da importância do trabalho das primeiras-damas enquanto apoio aos seus maridos.

² Notamos a reportagem da Revista Veja Rio, “Engenheira, Mãe e Primeira-Dama” de 31/12/2008, sobre a primeira-dama atual, do Município do Rio de Janeiro, gestão (2009-1012), que deseja voltar-se para um trabalho social. “*Quero lidar com crianças e idosos*”. (p. 27). A reportagem mostra a beleza física e a intelectualidade da primeira-dama (formada em Engenharia elétrica e cursando arquitetura, com intercâmbio na Inglaterra), o lado maternal e a figura feminina que acata o desejo do marido com relação ao modo de vestir-se, e sendo “exímia” dona de casa. Com tantos atributos, ela se encaixa perfeitamente no papel de uma primeira-dama voltada para o trabalho assistencial. “A partir do dia 1º, a nova primeira-dama carioca pretende se dividir entre a função

posição das primeiras-damas enquanto responsáveis por alguma secretaria, ou frente a algum projeto social ligado ao gestor municipal ou estadual.

Com base no trabalho apresentado na V Conferência Nacional de Assistência Social, em Brasília, coordenado pela professora Dr^a Aldaíza Sposati (2005, p. 61)³, podemos verificar na tabela abaixo:

**Órgão Gestor Municipal é ligado diretamente à Primeira Dama
Municípios das Regiões (%)**

	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Brasil
Não	38,1	54,3	35,8	66,7	63,2	54,2
Sim	50,8	43,9	59,9	31,2	35,1	43,1

Fonte: Fotografia da Assistência Social no Brasil na perspectiva SUAS.

Neste levantamento, verificamos que, no Brasil, pelo menos até 2005, 43,1% dos municípios tinham a presença da primeira-dama como gestora da assistência social.

Na região Sudeste ainda é forte a sua presença, com 31,2%, o que demonstra um quadro ainda preponderante da figura feminina no trato da política pública de assistência, porém sinalizamos para o número significativo na Região Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Quando as primeiras-damas exercem o papel de gestoras da assistência social, muitas vezes reportam-se às velhas práticas do assistencialismo, não permitindo que a política social, enquanto direito universal, seja efetivada. “A representação desse tipo de papel varia de acordo com a visão de mundo de cada primeira-dama e das relações que estabelece com o poder local.” (Torres, 2002,

social, os compromissos com o marido e um novo trabalho. Tudo sem deixar de lado o seu mandato preferido, o de mãe.” (p. 29). Sendo assim, é possível que deparemos com a reprodução do *superado* modelo assistencialista. Quando a primeira-dama mantém-se à frente de um trabalho social, deveria fazê-lo sem paternalismo, e sim em parceria com a política pública, para que os projetos não sofressem descontinuidade.

³ Estudo intitulado “Fotografia da Assistência Social no Brasil na perspectiva SUAS” que reúne relatórios de todas as Conferências Municipais e Estaduais de Assistência Social realizadas em 2005, e coordenadas por Aldaíza Sposati-PUC/São Paulo.

p. 50). Neste caso, irá depender do ideal representativo de cada primeira-dama a sua atuação na realidade social⁴.

Porém vivenciamos, na sociedade atual, uma série de mudanças que se contrapõe a estas ações que há muito vêm sendo legitimadas pelo poder dominante. Podemos assinalar, por exemplo, a constituição e a implantação da Norma Operacional Básica-NOB/SUAS (a partir do disposto da Constituição Federal/88 e da Lei Orgânica da Assistência Social de 1993- LOAS). A lei traz em seu bojo a efetivação dos direitos sociais e de cidadania através da legitimação da política de assistência social, enquanto política pública. Esta nova estrutura demarca e consolida uma série de intervenções na área assistencial, que exige um novo olhar, além de competência e qualificação para sua execução.

Em seu capítulo 8º, a LOAS estabelece que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios fixarão suas respectivas políticas de assistência social, observando os dispositivos e as diretrizes estabelecidos por lei.

Como podemos verificar, há duas ações que divergem nos seus objetivos de atendimento à população. No entanto há que se pensar nestas mudanças como inovações legais estabelecidas por lei e iniciar a sua implementação.

Desde a sua gênese, a assistência é caracterizada pelo voluntariado e caridade. A primeira-dama se tornou a figura feminina historicamente marcante com relação à assistência, em diversas épocas. A representação e a reprodução da imagem que a primeira-dama transmite para a população favorecem a sua legitimidade enquanto figura pública, e são mantidas por serem necessárias aos interesses daqueles que estão no poder. Ela é projetada para reforçar a ideia que congrega a mulher/benfeitora e sensível às práticas de atendimento aos mais pobres e necessitados, enraizada na sociedade brasileira. Será preciso romper com essas estruturas, um tanto arcaicas, que teimam em permanecer no contexto brasileiro.

O arquétipo⁵feminino, alimentado por imagens e representações, contribuiu para o fortalecimento do imaginário social, nas sociedades em geral, e na brasileira, em particular.

⁴ Vide nota de rodapé (2), em que a atual primeira-dama (2009-2012) do município do Rio de Janeiro deseja trabalhar com crianças e idosos.

Estas imagens e representações fazem parte de uma cultura política que foi construída ao longo dos séculos e cristalizou-se na sociedade brasileira, constituindo-se como parâmetro, dentro de um sistema de condutas, capaz de aproximar as primeiras-damas da população pobre atendida, que a vê como intermediária ou uma possibilidade de aproximação e acessibilidade ao governante.

Conforme destaca Gomes, a cultura política é definida como,

(...) um sistema de representações, complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que um determinado grupo atribui a uma dada realidade social, em determinado momento do tempo.” (2005, p. 31).

Ela integra um conjunto de fenômenos políticos com certa duração, onde as representações tornam-se importantes na sua construção. No seio da cultura política articulam-se, de maneira tensa, valores, ideologias, crenças, mitos, símbolos, etc. (id, ibid).

As primeiras-damas, quando inseridas neste espaço de negociação, em que as relações sociais se entrecruzam, operam e são legitimadas como mediadoras sociais.

O trabalho dos assim chamados mediadores técnicos ou profissionais não se limita a aplicar leis, regulamentos e normas. Eles articulam fragmentos de significados produzidos em contextos diversos e diferenciados, escutam demandas, apoiam-nas, legitimam-nas ou as condenam. (...) pela acumulação de pequenos detalhes, eles administram acasos e elaboram respostas legítimas à ineficácia institucional e à falta de recursos. (Neves, 2008, p. 29/30).

Reiteramos que a assistência se encontra hoje formada por dois campos de ação: um pela via dos direitos, através da LOAS, e o outro representado pelo primeiro damismo, que apesar da exigência técnica e metodológica para a função, insiste em continuar presente frente à gestão da assistência social.

⁵ “*Modelo dos seres criados. O que serve de modelo ou exemplo, em estudos comparativos. Protótipo.*” Miniaurélio Século XXI. O minidicionário da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Diante destas questões, o tema proposto torna-se relevante. Primeiramente, por se tratar de um estudo sobre o primeiro damismo, o seu papel construído historicamente na sociedade brasileira e as transformações com as quais as primeiras-damas se deparam diante do novo modelo de gestão da assistência proposto pela LOAS. E, principalmente, por sistematizar conhecimentos referentes a uma temática pouco explorada.

Encontramos, na literatura brasileira⁶, o único produzido no país que aborda o tema, o livro de Iraildes Caldas Torres, resultado de sua Dissertação de Mestrado em Educação, na Universidade do Amazonas, cujo título “As primeiras-damas e a Assistência Social- relações de Gênero e Poder”, em que ele apresenta um estudo original do primeiro damismo, naquele Estado, e que norteia o nosso trabalho.

Ressaltamos que não encontramos projetos de pesquisas, Teses ou Dissertações que tratam diretamente deste assunto, mas devemos destacar a Dissertação de Mestrado “A Assistência Social: do discurso à prática profissional- as representações dos assistentes sociais da LBA.”, defendida pela PUC-Rio de autoria de Ângela Vieira Neves; e o livro “Mulher e Política- A trajetória da Primeira-dama Darcy Vargas”, da historiadora Ivana Guilherme Simili, que foram importantes contribuições para o amadurecimento sobre o tema. Este último retrata, como o próprio título enuncia, o caminho percorrido por aquela que representa e demarca o papel da primeira-dama, na sociedade brasileira.

A partir destes pressupostos, definimos nosso objetivo pela análise sobre as novas roupagens do primeiro damismo, com base na atuação das primeiras-damas de municípios do Estado do Rio de Janeiro.

O interesse em desenvolver a presente pesquisa surgiu do nosso cotidiano profissional, visto que fazemos parte da Secretaria Municipal de Assistência Social do Município do Rio de Janeiro/SMAS e, entre 2007/2008, fomos cedidas para atuar, enquanto assistentes sociais, à frente de um dos projetos oferecidos pela Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, a Casa de Convivência e

⁶ Na literatura internacional existem alguns livros que falam das primeiras damas: Leonor de Lencastre- Rainha de Portugal; Eva Perón- Argentina.

Lazer para Idosos.⁷ Foi através desta experiência que tivemos os primeiros contatos com o tema proposto que nos despertou para este processo investigativo.

Tivemos a oportunidade de participar de alguns encontros com a presença da primeira-dama municipal⁸. Nos seus discursos proferidos, percebíamos que ali estava uma figura feminina, empresária, intelectual, mulher e mãe.

Assistir às pessoas vibrarem e agradecerem intensamente o que estava sendo oferecido desvelava uma relação de poder e dependência. Diante destas percepções, algumas inquietações foram surgindo, suscitando o desejo de debruçarmo-nos sobre o tema. Como surgiu o primeiro damismo? Porque ele ainda se mantém? Que relações de poder estariam veladas em seus discursos e práticas? Que mudanças vêm se efetivando no contexto do primeiro damismo brasileiro? A figura da mulher primeira-dama seria um instrumento de manipulação política? Que conquistas as mulheres obtiveram no seu processo histórico? Quem são as primeiras-damas? O primeiro damismo oportunizou visibilidade às mulheres enquanto sujeitos históricos? Tomando como ponto de partida estas interrogações, foi se constituindo, um desafio a ser percorrido na construção da dissertação. As inquietações despertadas precisavam ser trabalhadas, aprofundadas e desvendadas.

Quando demos início à pesquisa de campo, mergulhamos em um universo totalmente novo, embora o nosso cotidiano estivesse proporcionando o envolvimento no que diz respeito a então primeira-dama do município do Rio de Janeiro, uma vez que o nosso fazer profissional estava vinculado diretamente a um dos projetos administrados por ela, fato já relatado no início deste trabalho.

Partindo deste princípio, passamos a observar todo e qualquer evento que porventura acontecesse relacionado à primeira-dama do município do Rio de Janeiro, uma vez que a Casa de Convivência e Lazer para Idosos é próxima ao

⁷A Obra Social (www.obrasocial-rj.org.br/programas05.html) é uma organização não-governamental, criada em 1984, e presidida pela primeira-dama do município do Rio de Janeiro. Na gestão municipal (2001-2008), a primeira-dama esteve à frente de vários projetos como as Casas de Convivências e Lazer para Idosos, Capacitação Profissional, Rio de Alegrias (carretapalco, com apresentações teatrais), Cozinheiras Comunitárias e Atividades para Crianças e Jovens. A nova gestão (2009-2012) extinguiu todos os projetos, com exceção do Projeto Casas de Convivências e Lazer para os Idosos que passou para a Secretaria Especial de Envelhecimentos Saudável e Qualidade de Vida (SESQV). Ressaltamos que, a cada gestão municipal, esta Ong modifica a sua proposta e o seu público alvo, de acordo com o desejo da primeira-dama em exercício.

⁸Gestão (2001-2008).

Palácio da Cidade, local onde ela também despachava⁹. Estávamos em pleno processo eleitoral e havia interesses de elegibilidade de um candidato que pudesse dar continuidade a todos os projetos até então em curso.

Por conta do nosso cotidiano profissional, participávamos de alguns eventos, e um deles nos chamou mais atenção: os festejos pela passagem do aniversário da primeira-dama, que aconteceu no Palácio, e no qual estiveram presentes sua família e o candidato à sucessão na prefeitura do município do Rio de Janeiro.

Observamos o quanto foi estratégica a situação, pois a comemoração contou com a presença de muitas pessoas. Além disso, o quadro apresentado retratava a imagem de uma família feliz, quadro ideologicamente importante nos tempos atuais.

Neste evento, o então gestor municipal falou dos projetos sociais da esposa, primeira-dama, afirmando que eles também faziam parte das ações assistenciais. Sinalizou para a importância da continuidade dos mesmos através do candidato indicado para sucedê-lo. Neste sentido salientamos como é avaliada a Política de Assistência Social, uma política pública que deveria ser pautada na universalidade dos direitos. A sensação que se tem é que ela acaba sendo colocada em um mesmo patamar de toda e qualquer atividade paralela ou projeto político, principalmente aquelas que dizem respeito ao trabalho social das primeiras-damas.

Várias homenagens ocorreram por conta dos idosos atendidos pelas Casas de Convivência e Lazer para Idosos, que compareceram, e ofertaram a primeira-dama, como forma de agradecimento, lembranças, declamações de poesias e músicas.

Que representações do feminino estariam sendo dimensionadas? Quais os sentidos do real apreendidos nestes momentos? Percebemos o quanto as pessoas presentes se sentiam importantes por estarem participando do evento. Estavam felizes pela oportunidade que lhes fora proporcionada! Que poderes emanam de uma figura pública? Neste momento, percebemos que o trabalho de campo iniciava-se. Estávamos mergulhadas nesse universo. O cotidiano nos parecia fios que se cruzavam, onde a teoria e as nossas percepções, juntamente

⁹ A ONG Obra Social encontra-se localizada em Botafogo, no Palácio da Cidade, uma das sedes da administração municipal.

com a prática, faziam parte deste contexto, resultando em um processo investigativo.

Em face do tema proposto, fez-se necessária uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo, “ (...) *se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças e atitudes*”. (1993, p.67/68)

Para tratarmos os dados levantados, servimo-nos da análise de conteúdo, que é um dos mecanismos mais comum para pensarmos os dados qualitativamente, pois, segundo Neves (1994), “*A partir desse instrumento desvelamos aquilo que está mascarado, oculto no discurso*”. Nesse caso, o discurso das primeiras-damas e o modo como ele é produzido.

Partindo do embasamento teórico, a pesquisa teve como metodologia inicial uma análise bibliográfica, com o intuito de reunir elementos e informações sobre a temática, para aprofundá-la e dialogando com os/as autores/as numa perspectiva de reinterpretar a realidade. Esses elementos serviram de base para a análise das entrevistas com as primeiras-damas municipais.

Utilizamos também de outras estratégias metodológicas como: observação, levantamentos dos registros do diário de campo, pesquisa e levantamento de artigos e textos publicados na internet, reportagens de jornais e revistas, eletrônicos e/ou impressos, reportagens da TV, programas eleitorais, elaboração de roteiro de entrevista.

O trabalho de investigação ficou dividido em antes e depois do período eleitoral (2008). No primeiro momento, acompanhamos os programas eleitorais dos municípios próximos à cidade do Rio de Janeiro, passíveis de serem escolhidos para as entrevistas, e nos quais os governantes estavam concorrendo ao 1º ou 2º mandato (Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo, Rio de Janeiro, Niterói). Nosso intuito foi observar a participação das primeiras-damas nos programas de TV, como se portavam, como se apresentavam frente às câmeras, o que proferiam, e de que maneira ofereciam suporte aos seus esposos.

Nesta etapa, em todos os momentos de propaganda política, verificamos que somente uma primeira-dama apareceu na TV falando sobre o programa municipal do governo, do qual era a coordenadora. Além disso, verificamos relativa ausência dela ao lado dos maridos, em comícios e carreatas.

Paralelamente, com o uso da internet, começamos a pesquisar nos sites dos candidatos a programação, a agenda dos mesmos, os programas que iriam ao ar, os discursos, as passeatas, o corpo a corpo e as propostas. Fizemos um levantamento que nos deu uma visão de como iríamos nortear a nossa pesquisa de campo.

Começamos, assim, um trabalho de investigação que antecedeu a pesquisa de campo: o de encontrar as pessoas que pudessem articular junto às assessorias das primeiras-damas um possível agendamento para as entrevistas, uma vez que seria importante ter alguém que nos indicasse, pois compreendíamos perfeitamente que, em tempos eleitorais, o cuidado devia ser redobrado. Afinal as primeiras-damas que seriam entrevistadas não nos conheciam.

Tendo em mãos os telefones e nomes de pessoas de referências, fizemos alguns contatos, porém todos foram em vão. Não conseguimos agendar nenhuma entrevista no período eleitoral. Deparamo-nos com os problemas de final de governo, início de transição e agenda tumultuada. Embora estivéssemos apreensivas pela ausência de respostas positivas em todos os contatos, continuamos firmes em nosso propósito!

Após as eleições, foi editado em jornal a “*Relação dos Novos Prefeitos do Rio*” (Vide anexo 1), o que nos serviu de base para uma pesquisa pela internet no site do Governo do Estado do Rio de Janeiro¹⁰ que possui a relação de todos os 92 (noventa e dois) municípios, secretarias, nomes dos secretários, telefones para contato e o endereço eletrônico. Por conta desta relação acrescentamos à pesquisa os municípios de Petrópolis, São Pedro da Aldeia e Belford Roxo.

Na etapa seguinte, ou seja, após o período eleitoral, ainda encontramos algumas dificuldades de agendamento para as entrevistas. Seja por conta da dificuldade de acesso, ou por desconfiança, uma vez que algumas primeiras-damas encontravam-se em seu primeiro mandato. Para nós não era significativo o fato de a primeira-dama estar em um primeiro mandato ou não. Para viabilizar a pesquisa, fizemos diversos contatos com os seus assessores para o conhecimento do nosso objetivo e posterior agendamento das entrevistas, porém não obtivemos resultados positivos. Não conseguimos agendar com as primeiras-

¹⁰ www.governo.rj.gov.br

damas dos municípios do Rio de Janeiro, Petrópolis, São Pedro da Aldeia, Duque de Caxias e Belford Roxo.

A maior dificuldade com que nos deparamos foi agendar entrevista com a então primeira-dama da cidade do Rio de Janeiro, (gestão municipal 2001-2008). Ocorreu uma série de tentativas de contato (enviamos e-mail, acionamos pessoas que trabalhavam com ela diretamente, conversamos com a sua assessora), mas todas as iniciativas foram infrutíferas.

Quanto ao município de Petrópolis, em que o prefeito se encontrava em seu primeiro mandato, a primeira-dama apresentou-se bastante receosa com a possibilidade de entrevista, oferecendo vários obstáculos após várias tentativas. Nos municípios de São Pedro da Aldeia e Duque de Caxias (final do 2º mandato), não conseguimos encontrar as respectivas primeiras-damas, responsáveis pela Secretaria de Assistência. E quanto ao município de Belford Roxo, conseguimos alguns agendamentos, porém foram desmarcados por conta de “compromissos de transição.”

Por fim, utilizamos a relação dos nomes e endereços que havíamos levantado anteriormente, o que muito nos ajudou, pois, fazíamos contatos diretamente com as assessorias que, após envio da nossa proposta de pesquisa, agendavam as entrevistas, sem maiores problemas de acessibilidade. Diante disso, acrescentamos os municípios de Iguaba Grande e Maricá.

Privilegiamos então sete municípios: Nova Iguaçu, Mesquita, Duque de Caxias, Tanguá, Niterói, Iguaba Grande e Maricá.

Na terceira etapa, para a obtenção das informações, junto às primeiras-damas, adotamos a entrevista com questões semiestruturadas, tendo com base um roteiro (Vide anexo 2) previamente elaborado. As entrevistas semiestruturadas, para Minayo, são “*Instrumentos para orientar uma conversa com finalidade, ele deve ser o facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento de comunicação*”. (1993, p.99).

As entrevistas¹¹ foram realizadas nos respectivos municípios, locais de atuação das primeiras-damas, em horários previamente combinados. Após devidamente autorizadas, foram gravadas através de aparelho MP3, transcritas e organizadas em temas relacionados com as categorias teóricas trabalhadas na

¹¹ As primeiras-damas assinaram o Termo de Livre Consentimento, ficando cientes do objetivo da pesquisa. (Ver anexo 3).

pesquisa: o papel da mulher na sociedade, a cultura política e a mediação social. A partir do andamento do processo investigativo, fomos percebendo como estava sendo instigante o caminho em direção à construção da pesquisa.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos e as conclusões finais.

No primeiro capítulo, apresentamos um panorama de uma sociedade que se organizou mediante as normas e condutas orientadas pelos ditames do patriarcalismo e matriz da sociedade dominante. Nesta direção, as mulheres eram projetadas enquanto figuras frágeis, pertencentes ao espaço privado, submissas ao esposo. Deparamo-nos com dados documentais que comprovam que muitas mulheres rejeitavam o que lhes era imposto e fizeram história. Na construção da identidade social das mulheres, retratamos também os movimentos feministas e a categoria gênero enquanto conceito fundamental de transposição do determinismo biológico.

No segundo capítulo, nos detivemos em analisar as mulheres da realeza e a representatividade das suas ações no imaginário social, significando o quanto estas figuras femininas tiveram papéis importantes na sociedade, além da reafirmação do papel da primeira-dama.

No terceiro capítulo, analisamos a formação de modelos de primeiras-damas, na República, a partir da construção dos Estados Nacionais Latinos Americanos, com Darcy Vargas e Eva Perón e as ações assistenciais, até aproximarmos-nos da figura da primeira-dama Ruth Cardoso e o seu papel representativo durante o governo FHC.

No quarto capítulo, vamos verificar que ainda é forte a figura feminina no trato das ações sociais, a qual chamamos de uma cultura política frente à assistência, baseada na ajuda e no clientelismo. Porém, com a CF/88 e a LOAS a assistência social é preconizada enquanto política pública e novos desafios são colocados na implementação da NOB/SUAS.

No quinto capítulo, analisamos as novas roupagens do primeiro damismo e as redefinições exigidas pelas novas diretrizes na implementação da política pública de assistência social.

Algumas considerações conclusivas encerram este trabalho, que não aspira ser completo, mas pretende contribuir para a discussão desta temática, ou

seja, das novas *roupagens* do primeiro damismo frente à gestão da Política de Assistência Social.